



Corpo e identidade no romance *Nihonjin* de Oscar Nakasato

Body and Identity in Oscar Nakasato's novel *Nihonjin*

Dionei Mathias¹

Resumo: O romance *Nihonjin* de Oscar Nakasato foi publicado em 2011, retratando o processo de migração japonesa para o Brasil. Além de mostrar as dificuldades de adaptação cultural da primeira geração, o romance também aborda os conflitos de identidade de membros da família nascidos no Brasil. Com base no conceito de habitus de Bourdieu, este artigo deseja discutir a concepção do si como resultado da intersecção entre disposições corporais e narrativas identitárias. Com isso em mente, o foco recai sobre as personagens femininas Kimie e Sumie, cujos esquemas acionais revelam a internalização de disposições impostas pelo grupo. Inseridas numa malha complexa de poder definida pelo habitus de grupo, as personagens tem como desafio central resolver o conflito entre sujeição do corpo com base nos esquemas acionais internalizados e a obtenção de agência em consonância com anseios de identidade.

Palavras-chave: Oscar Nakasato; *Nihonjin*; corpo; identidade.

Abstract: Oscar Nakasato's novel *Nihonjin* was published in 2011, portraying the process of Japanese migration to Brazil. In addition to showing the difficulties of cultural adaptation experienced by the first generation, the novel also addresses identity conflicts of family members born in Brazil. Based on Bourdieu's concept of habitus, this article aims to discuss a conception of self, resulting from the intersection between body dispositions and identity narratives. With that in mind, it focuses on the female characters Kimie and Sumie, whose action schemes reveal the internalization of dispositions imposed by their group. Inserted in a complex network of power defined by group habitus, the characters' central challenge is to solve the conflict between body subjection based on the internalized action schemes and the attainment of agency in line with identity aspirations.

Keywords: Oscar Nakasato; *Nihonjin*; body; identity.

¹ Professor na Universidade Federal de Santa Maria, no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutor em Letras pela Universität Hamburg e pela UFPR. Desenvolve pesquisas voltadas para a representação literária de narrativas identitárias e de dinâmicas afetivas.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Introdução

Publicado em 2011, o romance *Nihonjin* de Oscar Nakasato foi condecorado com vários prêmios, dentre outros, o Jabuti de 2012. O romance retrata a imigração japonesa para o Brasil, no início do século XX e encena conflitos culturais (MARTHA, 2015; SÁ, 2017) e memoriais (CARREIRA, 2014; TADA, 2014) que surgem a partir dessa nova configuração existencial. Por um lado, a realidade diegética encena as dificuldades de adaptação da primeira geração, especialmente a partir da figura paterna Hideo Inabata, indicando uma dinâmica de afiliação cultural e afetiva ainda completamente voltada para o país de origem. Por outro lado, representa os desafios da segunda geração, com foco, por exemplo, nas experiências dos filhos Hanashiro, Haruo, Sumie, Hiroshi e Emi, problematizando como eles administram as expectativas culturais paternas e as ofertas identitárias em circulação, no contexto brasileiro. O romance é narrado pelo neto, um representante, portanto, da terceira geração, que busca compreender sua origem e os sedimentos afetivos produzidos a partir dos conflitos de sua família.

Ao ser questionado se o foco central de seu romance seria o “conflito de identidade” ou o “conflito de gerações”, o autor indica que as duas leituras são possíveis, embora dê sua preferência à primeira (RD, 2015, p. 65). Com efeito, esses dois vetores reúnem elementos centrais para a literatura de fluxos migratórios: por um lado, a prática simbólica inerente à tessitura identitária e ao esforço de construção de uma narrativa do si, por outro, a semiótica do corpo em suas mais diferentes relações com espaço, mostrando como gestos, afetos e imagens do corpo impactam no modo como o indivíduo transita nesse espaço e concebe seu lugar no mundo. Dada a necessidade de administrar duas ou mais narrativas culturais com



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

suas disposições corporais, essa condição se revela altamente complexa, não raramente acompanhada de um processo de conflitos de poder.

A intersecção entre práticas simbólicas da identidade e a semiótica da superfície corporal tem um lugar importante na literatura brasileira. Ela se encontra, por exemplo, nos corpos perpassados por afetos em *Dois irmãos* de Milton Hatoum (2006) e *Apátridas* de Alejandro Chacoff (2020), mas também na corporeidade fragilizada das personagens de *A chave de casa* de Tatiana Salem Levy (2013) e *Hanoi* de Adriana Lisboa (2013). Em todos esses textos ficcionais que representam realidades e origens regionais muito diversas do país, os personagens se encontram em diferentes formas de fluxos migratórios, identificando não somente diferenças nas práticas de construção identitária, mas também nas formas de conceber ou portar o corpo. O texto de Nakasato se insere nessa tradição, problematizando deslocamentos e as modalidades de pertencimento em novos contextos de interação social.

Ao mesmo tempo que o romance se inscreve numa tradição nacional, ele também pode ser lido a partir de um viés transnacional. Nessa esteira, o texto de Nakasato se junta a outros contextos literários que buscam compreender a condição de imigrante, mas também a vozes que problematizam a intersecção entre práticas simbólicas da identidade e semióticas do corpo como Abla Farhoud no Canadá, Feridun Zaimoglu na Alemanha ou Faïza Guène na França. O que esses diferentes textos e estudos têm em comum é um esforço de identificar elementos nodais no percurso identitário de personagens inseridas em fluxos migratórios. Com efeito, nesses diferentes contextos nacionais, personagens migrantes da primeira ou da segunda geração precisam resolver o conflito identitário que surge do atrito entre diferentes formas de pensar identidades e portar corpos. Seguindo a argumentação de Valim de Melo (2019, p. 12), essa nova realidade se sedimenta no texto literário:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

O literário, nesse sentido, ocupa lugar de destaque no processo de absorção e crítica às profundas mudanças vividas pela contemporaneidade, visto que engendra diferentes deslocamentos e perspectivas do transnacional, seja pelas novas geografias de gênero, pelos processos translocais experienciados pela narrativa ou pelas subjetividades produzidas a partir da flexibilização identitária promovida pela experiência transnacional.

Com foco nas novas subjetividades que se produzem na esteira da imigração, este artigo deseja discutir duas personagens femininas, Kimie e Sumie, representantes da primeira e da segunda geração, tentando problematizar o modo como administram seus corpos e como o veem administrados, assim como verificar como isso impacta em suas narrativas identitárias. Para isso, o artigo inicialmente tece algumas considerações teóricas que embasam a análise literária, propondo uma compreensão do conceito de corpo a ser problematizado, na sequência, a partir do texto literário.

1. Algumas considerações teóricas

Um pensador-chave para a discussão sobre o conceito de corpo, sem sombra de dúvida, é Pierre Bourdieu. Com estudos voltados para questionamentos da sociologia, o teórico francês abordou o corpo de forma direta e indireta em diferentes escritos, em que desenvolve teorias sociológicas. Central em seu pensamento parece ser o modo como o corpo internaliza dimensões do espaço social, passando a reproduzir feixes de sentidos que atravessam espaços socioculturais. Nesse horizonte, ele propõe um conjunto de reflexões muito proficuas para a análise literária.

Em *O senso prático*, ele escreve: “Não se imitam os ‘modelos’, mas sim as ações dos outros. A hexis corporal fala imediatamente à motricidade, como esquema postural que é ao mesmo tempo singular e sistemático, porque solidário de todo um sistema de objetos e



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

carregado de uma massa de significações e de valores sociais” (BOURDIEU, 2009, p. 121). Aqui o interesse na imitação das ações não recai sobre o movimento mimético entre mundo e ficção, como tradicionalmente discutido nos estudos literários, mas sim no modo como o indivíduo internaliza um “esquema postural” que caracteriza seu ser no mundo. O corpo age e reage, reproduzindo valores e significações do seu contexto de interação.

A internalização corporal do sentido é uma das dimensões do conceito de habitus, que Bourdieu (1983, p. 65) define como: “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações”. Por meio do processo de socialização, o indivíduo treina o corpo a internalizar um crivo, por meio do qual se apropria do mundo. Esse processo de apropriação e reprodução é responsável pela manutenção do sentido, mas também pode ser o ponto de partida para questionamento e inovação.

Com base no conceito de habitus, Olson (1995) estabelece um nexos entre corpo e identidade. O conceito de habitus compreende um conjunto de disposições internalizadas que orientam as ações do indivíduo, fornecendo um esquema acional que facilita os processos de interação (REHBEIN, 2016, p. 87). Os esquemas acionais se instalam na malha corporal de tal forma, que o indivíduo tende a executar determinados movimentos, gestos, sequências de forma automática, sem investir grande quantidade de energia cognitiva no processo de tomada de decisão (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33). No processo de socialização, portanto, o sujeito aprende como deve se portar em diferentes situações, adaptando a postura do corpo à esfera social em que se encontra, ao grupo com que interage, às lógicas de hierarquia que encontra. Em outras palavras, a lógica do corpo segue, em grande medida, o escopo das narrativas identitárias possíveis, em determinados contextos.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Esse conjunto de disposições internalizadas, seguindo Olson, forma a base da identidade, pois esse esquema acional representa o ponto de partida para qualquer negociação de sentido que vai sedimentar-se na narrativa do si. A esse cenário se junta a dimensão do poder que perpassa todas as interações sociais, estabelecendo uma dinâmica ininterrupta de negociação de agência. Em seu artigo sobre poder simbólico nas linguagens corporais, Kevin Olson discute o modo como identidade e corpo estão entrelaçados a partir da confluência crescentemente complexa entre habitus e poder:

Para Bourdieu, a identidade de si está enraizada no habitus como o conjunto de esquemas generativos por meio dos quais uma pessoa se relaciona com o mundo. Todos os pensamentos e percepções respondem às condições objetivas de existência por meio do habitus. Assim, o poder atua produtivamente - como uma forma de subjetivação - alterando o esquema conceitual de um indivíduo e mudando a maneira como ele entende o mundo. Isso afeta o indivíduo nos mínimos detalhes de sua vida: sotaque, estilo de vestir, maneiras, bem como atitudes, crenças, opiniões e autoimagem. Esse impacto não resulta no condicionamento completo da personalidade de uma pessoa, mas pode ser uma influência fundamental e produtiva no processo de formação da identidade (OLSON, 1995, p. 38)².

Isto é, nas diferentes esferas de circulação do sujeito, ocorre sempre um processo de manutenção, resistência ou transferência de poder, o que impacta na forma como o indivíduo pode definir as regras do jogo e dos sentidos que vão formar a narrativa de sua identidade. Em cada interação, surge um movimento de posicionamento na cartografia hierárquica, o que repercute sobre o entrelaçamento de corpo e identidade.

² "For Bourdieu, self-identity is rooted in habitus as the set of generative schemes through which a person relates to the world. All thoughts and perceptions respond to the objective conditions of existence through habitus. Thus power acts productively - as a form of subjectification - by altering an individual's conceptual schema and changing the way she understands the world. It affects the individual down to the least details of her life: accent, style of dress, manners, as well as attitudes, beliefs, opinions, and self-image. This impact does not result in the complete conditioning of a person's personality, but it can be a fundamental, productive influence on the process of identity formation" (OLSON, 1995, p. 38).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Essa dinâmica vale para qualquer ator social que empreende interações sociais e, com isso, negocia a malha simbólica que forma a base de sua identidade. No caso de atores sociais migrantes, a situação se torna mais complexa por conta justamente do habitus internalizado e da necessidade de adaptação ao novo meio. Nesse sentido, Ennes escreve:

De saída, proponho que o "corpo do migrante" é a objetificação de relações de força e poder na forma de traços físicos, formas de cuidado do corpo, técnicas corporais e assim por diante. Em outras palavras, o corpo do migrante resulta da interação entre as pressões sociais e as diversas formas de enquadramento, resistência e / ou transgressão mobilizadas pelos migrantes ao longo do sua trajetória. Também me refiro ao fato inerente aos processos migratórios de que a mobilidade resulta em um corpo em movimento. Nesse sentido, o 'corpo do migrante' gera estranhamento, dispara os alarmes da alteridade, levanta barreiras físicas e simbólicas. O 'corpo do migrante' é uma condição irremediável, uma vez que ninguém pode migrar sem seu corpo, que, ao mesmo tempo, está imbuído com a história do migrante (ENNES, 2020, p. 29-30)³.

No processo de sua socialização tanto no contexto sociocultural como no contexto familiar, o indivíduo internaliza uma matriz de disposições com base na qual interage com outros atores sociais, adaptando sua imagem de corpo às exigências familiares e socioculturais. No momento que se encontra numa situação de fluxo migratório, seja ela de primeira ou de segunda geração, surge uma demanda adicional que reside na necessidade de internalizar uma segunda matriz cultural de esquemas acionais. A internalização de disposições está atrelada a um investimento redobrado de atenção, em grande parte, de modo inconsciente, para garantir a satisfação das diferentes exigências que cada contexto impõe.

³ "From the outset, I propose that the 'migrant-body' is the objectification of relations of force and power in the form of physical traits, forms of body care, body techniques and so on. In other words, the migrant-body results from the interplay between social pressures and the diverse forms of framing, resistance and/or transgression mobilized by migrants throughout their trajectory. I also refer to the fact inherent to migratory processes that mobility results in a body in motion. In this sense, the 'migrant-body' generates estrangement, sets off the alarms of otherness, raises physical and symbolic barriers. The 'migrant-body' is an irremediable condition, since nobody can migrate without their body, which, at the same time, is imbued with the migrant's history" (ENNES, 2020, p. 29-30).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Nesse cenário, o corpo migrante, tende a desencadear estranhamento, pois sua administração corporal, muitas vezes, ainda está voltada para a lógica da cultura de origem, especialmente no que concerne à primeira geração. No caso, da segunda geração a conflituosidade se intensifica, pois por um lado há uma identificação com a gestualidade da família, por outro lado, surge uma sensação crescente de pertencimento com dinâmicas corporais do país de acolhimento. Ennes sugere o conceitos de “corpo herdado” e “corpo estratégico” para descrever dois momentos que caracterizam o corpo do migrante:

Deste ponto de vista, o corpo ‘herdado’ é objetivado através da incorporação de valores e relações de poder originários das situações de classe, gênero, raça e assim por diante do migrante nos campos em que atua no país de origem. Essa modalidade é uma expressão do que é inconsciente, tanto no habitus quanto na hexis. A segunda possibilidade, o "corpo estratégico", é melhor compreendida por meio dos conceitos de habitus e estratégia. Essa possibilidade refere-se ao processo de aprendizagem do agente, neste caso no contexto migratório e nos diversos campos (econômico, artístico, político etc.) em que isso pode ocorrer (ENNES, 2020, p. 43)⁴.

Ennes identifica, portanto, uma dinâmica corporal herdada, isto é, aquela que o indivíduo internaliza no processo de sua primeira socialização, e uma dinâmica corporal estratégica, em que o sujeito se apropria de novas disposições e esquemas acionais, a fim de atender às exigências de novos contextos de interação social. Vale lembrar que para alguns indivíduos esse processo é simples e sem grandes dificuldades, trazendo a lume uma grande flexibilidade corporal, enquanto para outro o processo é conflituoso e doloroso, intensificando as dificuldades de pertencimento.

⁴ “From this viewpoint, the ‘inherited’ body is objectified through the embodiment of values and power relations originating from the migrant’s situations of class, gender, race and so on in the fields in which she or he acts in the country of origin. This modality is an expression of what is unconscious in both habitus and hexis. The second possibility, the ‘strategic body,’ is better comprehended through the concepts of habitus and strategy. This possibility refers to the agent’s process of learning, in this case in the migratory context and in the many fields (economic, artistic, political and so on) in which this can occur” (ENNES, 2020, p. 43).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

O romance de Nakasato parece problematizar essa dinâmica de corpo e identidade, ilustrando processos de administração corporal, por meio de personagens da primeira e da segunda geração. Nessa representação, poder e projetos de identidade têm um papel central, pois impactam no modo como essas personagens podem ou não participar do espaço social em que transitam.

2. Heranças corporais e indícios de autonomia: a primeira geração

O ponto de partida do enredo é a imagem de Kimie, a primeira esposa de Hideo, o avô da voz narrativa. No presente diegético do narrador, a imagem de Kimie se encontra quase esquecida. Com a exposição do processo de imigração do Japão ao Brasil e os primeiros anos de assentamento no novo espaço cultural, a voz narrativa também recupera essa imagem, criando uma confluência entre sua narrativa de identidade e seu corpo feminino. Essa imagem toma forma a partir dos poucos sedimentos memoriais que o avô e o tio compartilham com o narrador e dos elementos que ele adiciona, com base em seu esforço imaginativo. Nesse bojo, as primeiras interações de Kimie com o espaço revelam algo sobre os conhecimentos internalizados que ela traz como capital:

Ela entendeu o que significava a enxada estendida em sua direção. Timidamente pegou o instrumento agrícola, que lhe pareceu mais pesado que nas mãos do homem. Não soube como manejá-lo, atrapalhou-se ao tentar afundá-lo na terra. Então Hideo tomou o instrumento das mãos dela e arrancou algumas ervas daninhas com uma enxada.
– É assim que se faz! (NAKASATO, 2011, p. 22).

O que surge desse conjunto de elementos simbólicos é uma narrativa de inadequação, isto é, um corpo que se encontra em dissonância com o projeto identitário que o contexto migratório lhe impõe. Isso começa com a ausência das habilidades necessárias para o



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

trabalho braçal da lavoura. Embora Kimie mostre boa vontade no sentido de querer se apropriar dos conhecimentos corporais necessários, a constituição frágil de seu corpo não permite que ela possa realmente participar do novo espaço, em consonância com suas exigências e com as expectativas do marido. Com efeito, as memórias do avô revelam desprezo pela ausência dessas habilidades, estabelecendo uma hierarquia entre suas duas esposas que coloca a imagem de Kimie em desvantagem. No microcosmo familiar, portanto, onde a voz do avô detém o poder máximo, o corpo inábil da primeira esposa desencadeia um comportamento de estranhamento, que tem por consequência a diminuição do investimento afetivo, não somente no momento da concretização existencial, mas também na manutenção de sua memória.

As dimensões corporais e sua interconexão com a identidade também se revelam no encontro com outras formas de ser no mundo. Assim, o primeiro encontro com Maria, uma mulher negra, desencadeia uma reação em Kimie que ela aprende a rever ao longo de suas interações com ela:

– Eu sou Maria. Vim desejar boas-vindas.

Assustada, com medo, Kimie fechou a porta com força. Que gente era aquela? E foi falar ao marido, que abriu a janela. Então viram, aliviados, que a mulher ia embora, caminhando com passos firmes, sem olhar para trás.

– Não se meta com essa gente – disse Hideo. – Me disseram que os negros foram escravos no Brasil, que têm raiva de todos os que não são como eles. São uma gente menor, de baixo valor (NAKASATO, 2011, p. 24).

Dada a ausência de qualquer conhecimento sobre pessoas negras, seu corpo responde automaticamente com medo e rejeição, a fim de se esquivar de uma interação direta com uma alteridade corporal para a qual ela ainda não tem uma disposição claramente internalizada. Ou melhor, há uma disposição que fornece um esquema acional para o desconhecido e para interlocutores que não se enquadram numa imagem familiar, portanto, ainda não adaptada



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

para o novo contexto sociocultural. Ao mesmo tempo que seu corpo experimenta medo, ele também sente curiosidade sobre essa alteridade. Essa curiosidade mantém o potencial dialógico ativo, fazendo com que Kimie comece a explorar novas disposições a serem aprendidas e internalizadas.

Ao contrário dos vestígios de curiosidade e do interesse dialógico na disposição de Kimie, o comportamento do marido intensifica o princípio de rejeição cabal. De fato, ele reproduz a hierarquia social pautada por discriminação racial que encontra no Brasil. Assim, ele não investe na construção de uma disposição pautada por experiências próprias com os interlocutores que encontra no novo espaço, preferindo adotar o esquema acional dominante na cultura de assentamento. Na dinâmica de poder, isso representa uma vantagem social, já que se apropria do regime de opressão que encontra no novo país, podendo aproveitar essa intersecção para potencializar suas chances.

Ao contrário do marido, Kimie não adota automaticamente a disposição concretizada a partir de ações alheias. Pelo contrário, ela se aproxima dessa alteridade, ensinando ao próprio corpo que é possível concretizar interações de outra forma:

Deu duas batidas leves, tão leves que diziam que não queria ser atendida, mas a porta logo se abriu. E aquela mulher grande, negra, que tanto a assustara da primeira vez, olhou-a surpresa. Kimie pensou que ela fosse bater a porta na sua cara, era natural que o fizesse, mas Maria ficou parada, o rosto sério, aguardando que dissesse alguma coisa. Então, com voz muito baixa, que era a voz que tinha, disse em um português quase incompreensível, misturado a algumas palavras em japonês, que o repolho era de sua horta, que se chamava Kimie, que a desculpasse por aquele dia, que ficara assustada, pois para ela tudo era estranho no Brasil. Então, para seu alívio, Maria lhe sorriu um sorriso grande como ela, de cima para baixo, pois ela era alta, e Kimie, baixinha (NAKASATO, 2011, p. 26).

A batida leve, a voz baixa, ou seja, toda a dinâmica de porte revela seu desconforto e indica que ela precisa forçar o próprio corpo, a fim de possibilitar a produção de uma nova disposição. A despeito das dificuldades inerentes à administração afetiva e às dificuldades



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

linguísticas, ela opta por treinar o corpo a uma outra forma de interação. Nesse momento, ela obviamente não conta com o esforço de sua interlocutora, mas isso não a impede de buscar essa interação. Ao perceber que Maria a recebe com gentileza e cordialidade, ela não experimenta somente alívio, ela também vislumbra que há outros esquemas acionais que investem em disposições de acolhimento no lugar da rejeição. Nesse cenário, o sorriso e o corpo de Maria representam uma porta que se abre, sobretudo, a um mundo que pensa e concretiza o corpo de forma diferente, revelando, com isso, outras lógicas de disposições internalizadas. Ao contrário do marido que cria obstáculos para impedir o contato com novas disposições, Kimie empreende o esforço de buscar seu contato e aprender com ele.

O movimento de ouvir o corpo, transcender as disposições internalizadas e aprender novas formas de concretizar seus movimentos também se revela num episódio em que Kimie se encontra sozinha com o agregado Jintaro. Por conta de uma viagem, o marido Hideo não está em casa, o que propicia uma aproximação dos dois:

Ela sentiu a respiração quente na nuca, tentou se desvencilhar. Ela, que era honesta, que era imóvel como a pedra que se deixa torner pela chuva e pelo vento, que não poderia nem pensar na hipótese de se deitar com outro homem que não fosse seu marido, sentiu vontades estranhas, sentiu uma sensação agradável naquele abraço firme, porém tentou se desvencilhar. Mas ele tinha os braços fortes, e os braços fortes eram persuasivos. Então ela, que sempre fora mais esposa que mulher, que não sabia ser ardilosa, que tinha pensamentos simples e poucas certezas, pensou sem querer pensar que, se ficasse assim, parada, não teria culpa, pois ele era mais forte. Ela parou de se debater e depois não soube, ao pensar, se parou por estar cansada ou por querer que ele prosseguisse (NAKASATO, 2011, p. 34).

Em analogia ao encontro com Maria, a passagem ilustra como Kimie percebe que há formas diversas de conceber o corpo e internalizar disposições que vão orientar a matriz acional. Enquanto a interação com Maria lhe ensina a desconstruir o desconforto diante do desconhecido, a interação com Jintaro lhe mostra que há percursos alternativos para conceber a confluência entre corpo e prazer. Com efeito, ela internaliza as expectativas sociais atreladas



ao papel de esposa, reprimindo completamente a imagem de um corpo em consonância com seus potenciais de erotismo. Ao ver esse outro corpo despontar em seu horizonte consciente, ela sente culpa, revelando uma disposição que atende primordialmente às exigências exteriores, em detrimento de uma malha de sentidos inscrita em sua intimidade. Kimie não silencia imediatamente esse outro corpo, mas a disposição internalizada acaba por prevalecer. Embora ela não dê continuidade ao envolvimento com Jintaro, o encontro problematiza o corpo com suas disposições internalizadas e as dinâmicas identitárias que surgem a partir de sua concretização interacional.

3. Entre rejeição e liberdade: o corpo na segunda geração

Representante da segunda geração, Sumie é filha de Hideo e Shizue, a segunda esposa de Hideo e mãe do narrador. Seu percurso existencial traça, em alguns aspectos ao menos, um perfil semelhante ao de Kimie. Essa semelhança parece ser identificável numa primeira fase de subordinação ao esquema acional dominante, seguida de uma fase de revisão dessas disposições, o que exige não somente a reorganização da narrativa identitária, mas também um disciplinamento do corpo, para que este não execute automaticamente as disposições internalizadas. Como muitas personagens da segunda geração inserida em fluxos migratórios, Sumie procura atender às expectativas da família até compreender que o esquema acional e a visão de mundo herdados não se coadunam com suas necessidades íntimas de identidade. O processo é caracterizado pela sensação intensificada de despertencimento e conflituosidade. O ponto de partida dessa dissonância ocorre com a experiência do primeiro amor:

Ficaram algumas semanas assim, ele insistindo para que ela contasse ao pai sobre o namoro, ela repetindo que não adiantaria, até que, num almoço, o pai confirmou o que Sumie já sabia, disse que lamentava que a caçula de Oshirosan estivesse namorando um gaijin, que era uma



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

vergonha para a família, que se fosse sua filha não permitiria, que se houvesse teimosia a expulsaria de casa, e, então, seria como se ela tivesse morrido. Por isso, uma dia, Sumie concordou com a ideia do namorado: esperar todos dormirem, colocar algumas roupas numa mala pequena, escrever uma carta de despedida para os pais e os irmãos e esperar o relógio marcar duas horas da madrugada (NAKASATO, 2011, p. 106).

Sumie conhece Fernando na loja de seu pai, no bairro Liberdade em São Paulo. Nesse contexto de trabalho, ela executa as ordens do pai e se subordina a suas diretrizes, auxiliando nas tarefas que beneficiam o projeto identitário da figura paterna. As coordenadas de comportamento traçadas por seu pai produzem um conjunto de disposições que privilegiam um porte corporal concretizado no marco da submissão. Isso significa que o norte acional reside na obediência e no acatamento das decisões produzidas a partir da interpretação de mundo do pai. Essa disposição inclui, especialmente na etapa existencial em que Sumie se encontra, que a escolha do parceiro para um relacionamento íntimo ocorra em consonância com os arbítrios da figura paterna, a qual preza pela manutenção de laços com o grupo nipônico. Nessa intersecção, há dois conflitos que Sumie precisa resolver: o primeiro está relacionado com as expectativas culturais defendidas pela primeira geração (a de seus pais), a segunda estar relacionada à dinâmica de poder, uma vez que a figura paterna se encontra numa posição hierárquica que tem um grande potencial de coerção.

O comportamento de Sumie revela até que ponto internalizou as malhas coercitivas do pai, diante da perspectiva de se envolver com alguém que desperta seu interesse. Num primeiro momento, ela adapta todas suas ações no sentido de atender àquilo que a figura paterna tem por adequado. O encontro com Fernando, contudo, desestabiliza o esquema acional herdado, fazendo aflorar em sua consciência o conflito experimento por seu corpo: por um lado submissão e obediência, por outro, autonomia e consonância com os próprios anseios. É essa situação de transição que desencadeia um processo de identificação de conflito



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

entre as disposições corporais internalizadas e o anseio por uma narrativa identitária que destoa dessas disposições, exigindo uma revisão por parte da personagem.

Nessa esteira, o episódio relatado pelo pai, à mesa do almoço, tem como objetivo reforçar o disciplinamento do corpo, por meio da vergonha. O exemplo da moça que opta pela insubordinação, rebelando-se contra a imposição de regras corporais alheias, serve como alerta para Sumie. Num cenário de desobediência, as consequências são claras: a fragilização socioeconômica por meio da expulsão de casa e o desamparo afetivo através da ruptura interacional com a família. Ao optar pelo plano de fuga, Sumie não confronta o pai diretamente com sua decisão. Ela o faz às escondidas e de madrugada, a fim de evitar um confronto, o que revela a internalização do medo, como mecanismo de controle e disciplinamento.

Com efeito, uma decisão contra a ordem paterna implica consequências imprevisíveis para Sumie, uma vez que o relacionamento com Fernando não é garantia de segurança social, nem afetiva. Por fim, o medo do desprezo da família e da fragilização social a fazem recuar, de modo a renunciar a um projeto identitário próprio. No lugar de atender ao próprio corpo, Sumie se casa com o marido escolhido pelo pai e reproduz o princípio da obediência em sua própria família. Nesse contexto, até mesmo a imagem da amiga Matiko que tinha como exemplo de autonomia se desintegra:

Aquela mulher moderna e determinada que aconselhava Sumie a não desistir do homem por quem se apaixonara era uma personagem que criara para tentar superar o seu complexo de inferioridade. Agora não tinha coragem nem para impor o seu real papel de esposa, dizer à sogra que ela também gostaria de decidir sobre o que comer, o que preparar para o jantar do marido e dos filhos. E quando via a casa acanhada em que vivia, pensava que era parecida com ela (NAKASATO, 2011, p. 119).

Matiko era a pessoa com quem podia compartilhar seus segredos sobre Fernando e que até certo ponto a estimulava a ouvir seus próprios anseios. Assim, a amiga se transforma



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

numa espécie de plataforma de transferência, na qual identifica uma atitude que gostaria de adotar, mas que não teve coragem de concretizar. A imagem de autonomia corporal e identitária dessa amiga, contudo, se revela problemática, forçando Sumie a um novo confronto. Se por algum tempo era possível projetar nela um projeto que era seu, ao mais tardar no presente diegético, ela percebe que o percurso existencial de sua amiga porta muitas semelhanças com o sua própria insatisfação. Como ela, também a amiga se subordina ao desejo alheio, obedecendo ao marido e vivendo numa casa onde a sogra assume o comando sobre os corpos que transitam sob seu teto. Ao reconhecer a situação da amiga e tecer analogias com sua própria existência, Sumie volta a experimentar a sensação de alienação do próprio corpo, o que já sentira quando a internalização da ordem paterna a impediu de ouvir seu corpo.

Esse conhecimento, que se instaura num processo paulatino e de forma dolorosa, faz Sumie olhar sobre seu percurso existencial com outros olhos. Apesar de possuir os bens que deseja e ter uma família nos moldes previstos por seu grupo, ela não encontra satisfação existencial. Ao enxergar essa dissonância, Sumie reata os laços com Fernando e opta por enfrentar o conflito entre disposições internalizadas e os anseios de um corpo cuja narrativa identitária se encontra em processo de formulação:

Na noite de partida, Sumie repetiu tudo: sem acender as luzes, pois as luzes incomodariam Ossamu, retirou do guarda-roupa o mínimo necessário, colocou as roupas numa mala. Depois foi à cozinha, escreveu ao marido uma carta de poucas linhas: que era um bom homem e um marido exemplar, que os filhos eram bons, mas que isso não era suficiente para fazê-la feliz, e por isso os deixaria para viver com o homem que amava, o homem com quem deveria ter partido dez anos antes, um homem que o pai não aceitaria, pois era gaijin (NAKASATO, 2011, p. 121).

No momento de separação definitiva, Sumie repete o ritual internalizado, forçando o corpo a antecipar as necessidades do marido e subordinar seu esquema acional àquilo que ele



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

definiu como regra. A escrita da carta simboliza a ruptura com essas disposições e coloca em palavras aquilo que seu corpo vinha experimentado num período longo de sua vida. Na leitura de Alice Áurea Penteadó Martha (2015, p. 15), essa passagem representa um processo de desterritorialização e reterritorialização de dimensões culturais, promovendo revisões identitárias. Nessa mesma esteira, argumentamos que ela reconhece a divergência insuportável entre as disposições internalizadas, com base nas expectativas dos grupos sociais a que pertence, e as dimensões corporais que se fazem ouvir, exigindo uma adaptação de sua narrativa de identidade. Nesse bojo, as demandas do corpo começam a ser traduzidas em redes simbólicas que vão definir a representação do si.

Nesse momento, contudo, Sumie não rompe somente com a figura paterna e com a família que se subordina a ele, a ruptura inclui também a separação do marido e, sobretudo, dos filhos. O impacto dessa separação é profundo tanto para Sumie, como para os filhos. O esforço narrativo do narrador, filho de Sumie, se explica, em parte, a partir disso, pois a recuperação do passado tem como objetivo entender as dimensões afetivas dessa separação e como isso impacta em seus próprios esquemas acionais. Para Sumie, o tributo é igualmente alto, pois além da exclusão da família e do grupo, ela também assume o impacto da separação dos filhos. Ela obtém a liberdade de pensar seu corpo em consonância com seus anseios, mas o preço dessa liberdade implica a renúncia de uma outra parte de sua existência que lhe é igualmente importante.

Considerações finais

Com base nas personagens Kimie e Sumie, o romance de Nakasato problematiza como disposições internalizadas produzem corpos e, em seu bojo, narrativas identitárias que se



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

adaptam a essa realidade. Kimie não traz as habilidades corporais necessárias para as exigências do trabalho duro na lavoura e adota um esquema acional que a faz rejeitar, num primeiro momento, tudo que é desconhecido. O processo de deslocamento espacial lhe ensina que há outras formas de entender e portar o corpo, como o faz a amiga Maria ao acolher sua alteridade, mas também como o faz Jintaro quando lhe mostra outras dimensões do corpo. Em parte Kimie sucumbe às disposições internalizadas, mas em parte ela também força o corpo a treinar novas disposições.

O percurso de Sumie é semelhante, começando pela reprodução das disposições dominantes de seu grupo, a ponto de renunciar a projetos de identidade aos quais confere importância. Ao voltar sua atenção para a alienação do próprio corpo, ela opta pela ruptura, buscando um caminho que lhe permita conciliar os anseios corporais com sua narrativa de identidade. Para isso, ela precisa disciplinar o próprio corpo a não reproduzir a ordem alheia. Esse disciplinamento rompe disposições internalizadas e dá início a um processo de gênese de agência sobre o próprio corpo. Para as duas personagens femininas analisadas neste artigo, a percepção do corpo e de seus anseios se revela com elemento fundamental. Os conflitos que as personagens trazem a lume revelam como narrativas identitárias em grande medida decorrem de uma configuração corporal cujo esquema de ação é herdado, silenciando anseios centrais para a concepção do si.

Em ambas as situações, surge uma dissonância entre esquemas posturais e o conjunto de valores e significações que imperam nos respectivos espaços. As duas personagens apresentam um modo de ser no mundo que desencadeia conflitos. Inseridas em malhas opressivas de poder, suas oportunidades para questionar os crivos de percepção e ação dominantes em suas coordenadas de interação social são limitadas. Nesse cenário, suas narrativas de identidade se revelam fragilizadas, diante do silenciamento de que são alvo.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Com isso, Nakasato problematiza questões centrais das literaturas transnacionais de fluxos migratórios.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. Organizado por Renato Ortiz. Tradução: Paulo Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A memória revisitada: identidade e pertencimento em Nihonjin, de Oscar Nakasato. *Revista Língua & Literatura*, v. 16, n. 26, p. 87-98, 2014.

CHACOFF, Alejandro. *Apátridas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ENNES, Marcelo Alario. Bourdieu and the ‘migrant-body’: embodiment in the migratory context. *Revista Brasileira de Sociologia – SBS*, v. 8, n. 19, p. 26-58, 2020.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

LISBOA, Adriana. *Hanói*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Mobilidade identitária em Nihonjin, de Oscar Nakasato. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 24, p. 4-22, 2015.

NAKASATO, Oscar. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.

OLSON, Kevin. Habitus and Body Language: Towards a Critical Theory of Symbolic Power. *Philosophy & Social Criticism*, v. 21, n. 2, p. 23-49, 1995.

RD. Entrevista com Oscar Nakasato. *Revista Decifrar*, v. 6, n. 6, p. 63-65, 2015.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

REHBEIN, Boike. *Die Soziologie Pierre Bourdieus*. Kontanz: UVK Verlagsgesellschaft, 2016.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Identidade e cultura no romance *Nihonjin*, de Oscar Nakasato. *Itinerários*, n. 44, p. 139-148, 2017.

TADA, Elton Vinicius Sadao. A memória do imigrante japonês no Brasil e de seus descendentes a partir da literatura: o *Nihonjin* de Oscar Nakasato. *Estudos Japoneses*, n. 34, p. 20-31, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006.

VALIM DE MELO, Cimara. Culturas transnacionais e Brasil contemporâneo: uma introdução. In: VALIM DE MELO, Cimara (org.). *Literatura brasileira & contemporaneidade: uma perspectiva transnacional*. Porto Alegre: IFRS/Editora Metamorfose, 2019, p. 7-19.